Direção editorial: Ana Kelma Gallas
Diagramação: Kleber Albuquerque Filho
Editor OMP: Eliezyo Silva
Imagem da capa: Karine Gallas

LESTU PUBLISHING COMPANY
Editora, Gráfica e Consultoria Ltda
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis
Bela Vista, São Paulo, 01310-300, Brasil.
(11) 97415.4679 | editora@lestu.org | www.lestu.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G641 GONTIJO, Fabiano.
Corpo, sexo, gênero: estudos em perspectiva / Fabiano Gontijo (Org.). — São Paulo, SP: Lestu *Publishing Company*, 2021.

273 p. *online*
ISBN: 978-65-996314-2-9
DOI: https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9

1. Identidade de Gênero. 2. Teoria *Queer*. 3. Sexualidade. 4. Corpo. 5. Sociologia. I. Autor(a). II. Título. III. Lestu. IV.

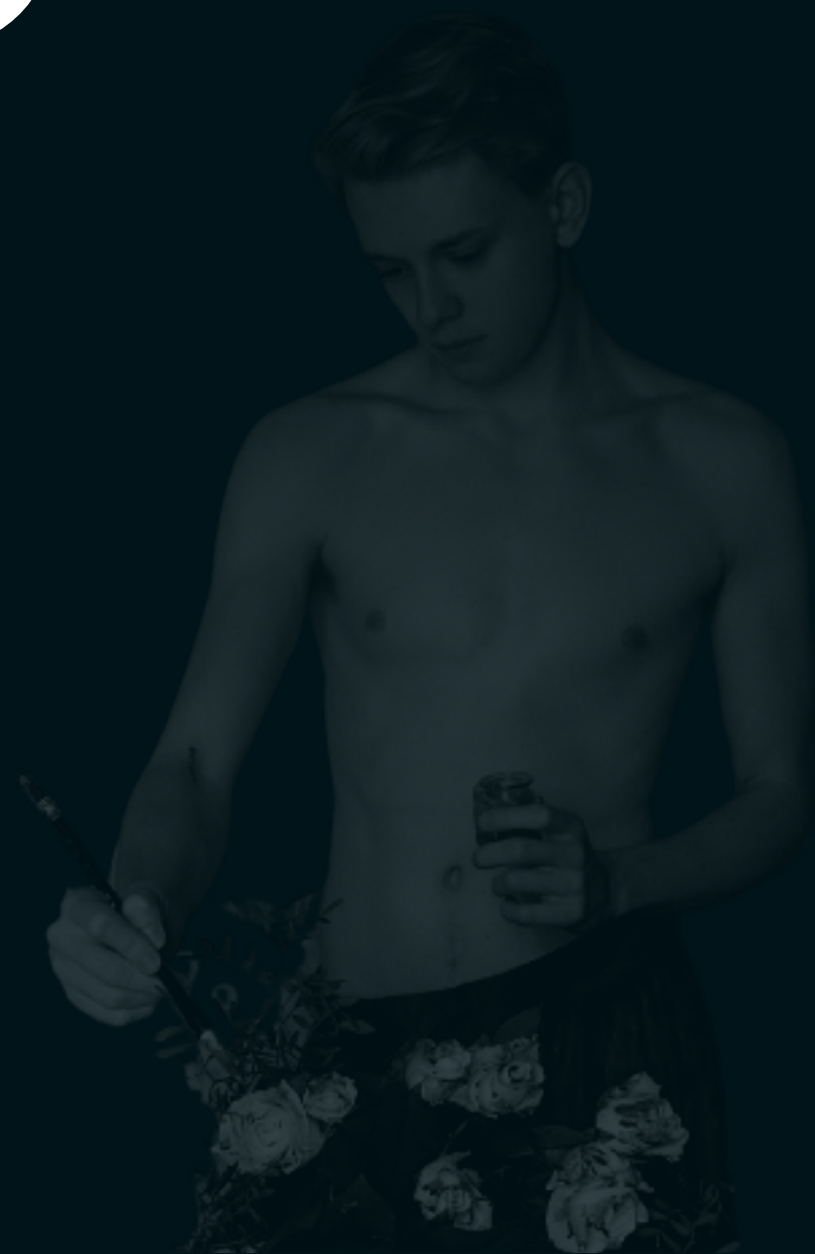
CDD: 306.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Gênero e sexualidade: Aspectos sociais: Sociologia: 306.7

FABIANO GONTIJO
[ORG.]

CORPO, SEXO, GÊNERO

ESTUDOS EM PERSPECTIVA

5

O discurso jornalístico e o sujeito transexual: o percurso de Sarita da Sete na mídia portovelhense

Edson Rodrigues Cavalcante[1]
Nilsângela Cardoso Lima[2]
Juliana Fernandes Teixeira[3]
Monalisa Pontes Xavier [4]

Introdução

No dia seis de março de 2020, ao final da tarde, "Sarita da Sete" ou "Sarita da 7", 26 anos, cujo nome de batismo era Wellison Oliveira Sá, divertia-se sozinha e distraída sobre um flutuante às margens do rio Madeira, nas proximidades do Cai N'Água[5], na região portuária e central de Porto Velho. Trajava uma minissaia simples de camadas em tecido rosa desbotado, combinado com um top superior que delineava um par imaginário de seios púberes. Dez anos antes, ela era conhecida como Sara Paraíso, uma moradora em situação de rua que surgiu a princípio "discreta", mas que incorporou seu gênero a sua vivência. Segundo o Ministério da

1 Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.
E-mail de contato: eds_caval@yahoo.com.br;

2 Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
E-mail: nilsangelacardoso@ufpi.edu.br;

3 Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior- UBI Covilhã/Portugal.
E-mail: teixeira.juliana.rj@gmail.com;

4 Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora orientadora da pesquisa. E-mail: monalisapx@yahoo.com.br.

5 Terminal hidroviário Porto Cai N'Água, localizado na margem direita do Rio Madeira, região central de Porto Velho.

Cidadania (BRASIL, 2019), “moradores de rua” ou “pessoas em situação de rua”[6] são indivíduos que utilizam, em um dado momento, como local de moradia ou pernoite os espaços públicos ou privados que não são utilizados em sua maioria a noite ou que tem baixa circulação de pessoas. Também são consideradas componentes dessa população, aquelas pessoas que ainda dormem em albergues e abrigos, de forma prioritária ou esporádica, alterando o local de descanso noturno entre esses pontos de acolhimento e os locais de rua. Durante o dia, Sara Paraíso era sempre vista cuidando de veículos nas imediações da via principal e caótica de Porto Velho, a avenida Sete de Setembro, uma ladeira íngreme de subida em uma única mão e circunvalada de lojas comerciais. Devido à proximidade com aquela passagem, alguém passou a chamá-la de “Sarita da Sete” e o nome pegou.

Naquele dia e àquela hora, o Cai N'Água era um dos locais favoritos de Sarita. No calor modorrento da Amazônia Ocidental, inúmeros viajantes, turistas, moradores locais e até mesmo desocupados aglomeravam-se nos bares e restaurantes à beira do cais para beber qualquer coisa que fosse suficientemente gelada para espantar o mormaço. Olhavam, com misto de incredulidade e deleite mundano, uma fake ruiva esmaecida de “cabelão” encaracolado, suja, maltrapilha, visivelmente embriagada (segurava um garrote de pinga), que transitava pela área abordando os transeuntes e pedindo dinheiro. Alguns riam e faziam troça, uma parte passava indiferente.

No entanto, muitos a conheciam pelos noticiários da TV, jornais e redes sociais de Porto Velho, o que causou um certo espanto, já que meses antes, quase que diariamente, ela aparecia nos canais de notícias locais vestida com roupas masculinas, sóbria, segurando uma Bíblia, como um exemplo de transformação. Foi por meio de apoio de um velho amigo, também “ex-travesti”, que ela foi conduzida para uma igreja evangélica. No templo, já não era mais Sarita, mas sim Wellinson Oliveira de Sá, uma “ex-travesti” que teve uma “grande chance de mudar de vida” e “uma oportunidade de redenção”, assim eram constituídas as chamadas nos diversos meios de comunicação *online* (EUIDEAL, 2019). Considerando-se que, na sociedade do espetáculo, conforme explica Debord (1997), a imagem é uma abstração do real e o seu predomínio está na reificação de corpos para produção de sentidos, aqueles seus últimos momentos foram registrados

6 Segundo o documento de monitoramento do Ministério da Cidadania, são os motivos principais para viver na rua: problemas com álcool/drogas (36%); desemprego (30%) e desavenças com a família (29%) [...] 82% das pessoas em situação de rua eram homens; mais da metade (53%) possuía entre 25 e 44 anos; 67% das pessoas se declararam pardas ou negras - proporção bem maior do que na população brasileira em 2008 (45%); 52% possuíam algum parente que morava na mesma cidade em que estavam vivendo (BRASIL, 2019, p. 10).

por um anônimo, que iria fazer a divulgação nas redes sociais (Whatsapp e You Tube, dentre outras) no formato de um meme irreverente de Sarita, o primeiro depois de um longo período de abstinência dedicada à religião e na obrigatoriedade de se enquadrar no parâmetro da masculinidade. No entanto, aconteceu uma fatalidade, que seria fonte de apreensão dos portovelhenses até a manhã do dia seguinte, acompanhado por todos os canais de mídia locais: o desaparecimento de Sarita. Esse vídeo foi o seu último registro em vida, feito minutos antes dela cair nas águas turbulentas do rio Madeira, mostrava-a em pé, perigosamente balançante em cima de uma voadeira e segurando uma garrafa com bebida alcoólica (RONDÔNIA AO VIVO, 2020).

Perante o exposto, este artigo tem como estratégia metodológica comparar e realizar a análise de discurso e de conteúdo, no período de 2019-2020, em cinco sites de notícias: DIÁRIO DO AMAZONAS, RONDÔNIA DINÂMICA, EUIDEAL, RONDÔNIA AO VIVO e O OBSERVADOR. O objetivo é apontar algumas estratégias discursivas que foram utilizadas para inviabilizar e invisibilizar o seu gênero, dentre elas associar o seu roteiro de vida pessoal, marcado por dificuldades de toda ordem, ao estigma público-midiático sobre as pessoas trans – ainda pertencente a uma determinada categoria de homossexual – que somente encontra o seu local de enunciação no noticiário sensacionalista e policial, vítima de violência homofóbica ou escândalo. A tese assumida neste trabalho é de que ainda existem dificuldades proeminentes em construir narrativas humanizadas sobre transexuais, travestis, transgêneros e demais identidades LGBTQIA+, o que reflete preconceitos e estereótipos ainda enraizados na imprensa. Destarte, a negligência na criação de narrativas de esclarecimento gera uma onda de obscuridade que cresce paulatinamente à medida que legitimiza os canais de desinformação, que não tem compromisso em criar uma agenda que elucide a situação da transexualidade.

Um olhar sobre a sexualidade na seleção da notícia no discurso jornalístico

Para Foucault (2007), todo discurso obedece a critérios e estratégias que buscam educar o olhar do receptor sob a perspectiva do narrador. Para Motta (2002), a decisão de comunicar alguma coisa cumpre a função, ao mesmo tempo, de não comunicar (e não elucidar) no processo para gerar a notícia. Um processo que é buscado, avaliado e direcionado por meio da seleção do discurso - que é um bem finito, limitado, desejável e útil – com regras de manifestação que também evidencia, além de suas aplicações práticas, a sua mais profunda e imbricada forma interior (com grades complexas e adaptáveis): o poder. Um bem (o poder) que é, por natureza, o

objeto de uma arena política, que também possui regras e técnicas para que se evidenciem com muitas restrições no âmbito do discurso:

> "[...] que não se pode dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa [...]" (FOUCAULT, 2007, p. 9).

Para o autor, há regiões em que essas grades são mais cerradas, regiões aglomeradas de "buracos negros", lugares em que se busca o banimento de qualquer liberdade expressiva e espontânea que venha a colocar em risco o *establishment* do que deve ser dito. Dois campos por excelência se destacam: os campos da sexualidade e o da política:

> [...] como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade de se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde as exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 2007, p. 10).

Quando se mistura o desejo com o poder, assumindo outra forma - além dos sistemas de dominação e muito além daquilo pelo que se luta - o poder pelo qual temos desejo de nos apropriar. Desta maneira, quando se fala de sexualidade, segundo Foucault (2007), no campo da construção discursiva do jornalismo, há uma ressonância contrária aos seus ecos libertários. A mídia se posiciona alinhada ao poder disciplinador, que historicamente sempre buscou recrutar e controlar a organização dessa tríade de saberes: o saber sobre o sexo, o saber sobre o gênero e o saber sobre a sexualidade.

Considerando-se a imprensa como lugar privilegiado para circulação e apropriação desses conteúdos e suas respectivas narrativas, Charaudeau (2006) menciona que, no subterrâneo do mito da isenção jornalística (na dupla finalidade de aferir credibilidade e captação), é que são construídos os quadros performativos de restrições nos quais se desdobram também o silêncio e a invisibilidade. Para o autor, é nesses espaços que acontecem os atos de comunicação, que consistem em transformar os "acontecimentos brutos" (mas já interpretados) para o mundo midiático construído, ou seja a notícia filtrada para o público, que interpretará a notícia de acordo com o seu local de cultura. Esse duplo processo se inscreve em uma conversão que determina as condições de encenação da informação dentro do recorte da audiência.

Vidas infames e o discurso da mídia

Em 2020, três pessoas transexuais foram assassinadas em Rondônia, segundo o relatório anual da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil – ANTRA (GENEVIDES; NOGUEIRA, 2021). Ao todo, conforme o relatório, 175 transexuais foram mortas no país no ano passado, o que equivale a uma morte a cada dois dias (OLIVEIRA, 2021). O Brasil é o país que mais mata LGBTQIA+ no mundo e não se consegue reconhecer o alcance dessa realidade (GEPP, 2019).

A discriminação contra a população LGBTQIA+ é um problema que se agrava com a produção discursiva com que a mídia aborda o assunto em seus noticiários, em sua maioria vinculada a velhas associações: homossexualidade, patologia e criminalidade. Esse foco da mídia se assenta em uma moral construída sobre os lugares que o masculino e o feminino devem ser marcados hegemonicamente no espaço do noticiário, que, para Rocha e Woitowicz (2013), servem para reforçar os estereótipos de gêneros na produção de imagens e sentidos que os diferenciam:

> "[...] assim, se as diferenças de gênero são constituídas a partir de representações sociais, os discursos da mídia tornam-se espaços privilegiados para a constituição de valores e para a reprodução de consensos" (***Ibid***., 2013, p. 77).

Segundo Veras e Guasch (2015), a representação de pessoas transexuais, travestis, transgêneros e demais identidades LGBTQIA+ é enunciada pela imprensa dentro de uma perspectiva difusa, uma vez que vem acompanhada dos estigmas históricos que construíram esses sujeitos. Quando se fala em estigma, para os autores, traduz-se como o elemento constitutivo da representação público-midiático no processo histórico de construção do(s) sujeito(s) a partir da dissociação entre o masculino e o feminino. Fora desses dois padrões "aceitos" pela sociedade, transitam os sujeitos estigmatizados pelo discurso midiático, o que podem ser designados como seres abjetos. Para Butler (2020), o abjeto surge dentro dos domínios da Psicanálise e designa aquelas áreas inóspitas e intratáveis da vida social, que possui uma densidade acentuada de pessoas que não gozam do *status* de sujeito, mas cuja necessidade de habitar ainda sob o signo do inabitável é necessário para que se limite o domínio do sujeito. A abjeção pode ser não saber diferenciar as particularidades e diferenças que constituem os grupos LGBTQIA+ e colocá-los dentro de um mesmo rótulo no intuito de inferiorização e subalternização. Para Miskolci (2020), o abjeto é algo pelo que

se nutre horror ou repulsa, isso ajuda a entender de onde brota a violência de um xingamento ou uma injúria, quando se chama alguém de "travesti", "sapatão" ou "bicha", muito além de um nome que desperta nojo e repulsa, também alguém que se deseja distância de contágio.

Segundo Bento (2017), quando ocorre a quebra do sistema binário (homens e mulheres), rompe-se a estabilidade negociada entre as interpretações veiculadas pela mídia sobre o corpo sexuado (o que é o corpo masculino e o que é o corpo feminino?), em consequência, diante da experiência transexual, o leitor/telespectador/consumidor só terá como referência os olhares acostumados ao mundo dividido entre vaginas-mulheres-feminino e pênis-homens-masculinos, o que gera confusão para assimilação:

> [...] ficam confusos, perdem-se diante de corpos que cruzam os limites fixos do masculino/feminino e ousam reivindicar uma identidade de gênero em oposição àquela informada pela genitália e ao fazê-lo podem ser capturados pelas normas de gênero mediante a medicalização e patologização da experiência. Na condição de "doente", o centro acolhe com prazer os habitantes da margem para melhor excluí-los (BENTO, 2017, p. 22).

De acordo com Salih (2016), na mídia, a negação do "Outro" (transexuais, travestis, transgêneros e demais identidades LGBTQIA+) que não se conformam à matriz heterossexual - pelo "Eu" (no caso o Eu coletivo) ainda encontra respaldo no discurso social-político-religioso, o que é explicada pela forma com que os corpos são discursivamente construídos dentro de uma sociedade organizada "como um *locus* de interpretações culturais, o corpo é uma realidade material que já foi situada e definida em um contexto social" (BUTLER, 2003 *apud* SALIH, 2016, p. 69). Quando se olha em retrospecto, isso remonta ao séc. XIX, o corpo sempre esteve sujeito a uma certa performatividade vinculada ao sexo, ao gênero, à genitália, que criou essas divisões do que é masculino e do que é feminino, colateralmente, essas separações passaram a conter a verdade última sobre os sujeitos (FOUCAULT, 1985). Outro aspecto importante sobre a identificação de noticiários sobre a população LGBTQIA+ é a associação à patologização. Para Bento (2017), quando se indaga onde estão os sujeitos que transitam entre os gêneros e reivindicam por vias legais essa passagem entre gêneros, esses sujeitos desaparecem da via pública para encontrar respaldo na medicina e nos espaços confessionais das clínicas:

> [...] que a transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero. Essa definição se confronta com a aceita pela medicina e pelas ciências psi que a qualificam como uma "doença mental" e a relaciona ao campo da sexualidade e não ao gênero. Definir a pessoa transexual como doente é aprisioná-lo, fixá-lo em uma posição existencial que encontra no próprio indivíduo a fonte explicativa para seus conflitos, perspectiva divergente daqueles que a interpretam como uma experiência identitária (*Ibid*, 2017, p. 9).

Sarita da Sete

Se alguém, em algum momento, explicasse para Sarita sobre o que é transexualidade e também sobre cirurgia de redesignação sexual - dentre outras questões que compõe o corolário metafísico sobre o estudo de gênero - ela lançaria primeiramente um olhar de estranhamento, talvez entendesse que o assunto estivesse conectado a sua condição de ter nascido em um corpo masculino – um corpo continuamente questionado e combatido – em contraposição a sua identidade feminina (e sua necessidade constante de se inscrever naquele mundo), motivo constante de chacota no tribunal inquisitório e as ameaças que ela era exposta diariamente.

Em 2018, alguns canais de notícias locais começaram a relatar eventos de violência contra Sarita, desde tentativa de linchamento por populares até atentados na madrugada feitos por homofóbicos. Na condição de moradora de rua, os seus espaços de circulação envolviam o centro de Porto Velho e as proximidades do Cai N'Água, locais que a noite eram tomados pela prostituição e por assaltos. Conforme elucida Carrara e Vianna (2006), nos grandes centros urbanos, os sujeitos, cuja identidade é não heterossexual, são proporcionalmente mais atingidos por diferentes tipos de violência e discriminação. Sarita sofria o triplo preconceito: de ser moradora de rua, usuária de drogas e álcool e por último a sua condição de trans. Esse conjunto de fatores, juntamente com a clássica instabilidade provocada por sua performance de gênero (e que é constantemente associada aos estereótipos negativos sobre homossexuais), a tornava vítima preferencial de violência homofóbica.

Em 2019, Sarita tinha "recomeçado a vida" com ajuda de amigos, assim noticiavam alguns sites de notícias online e até alguns jornais e telejornais conservadores, citavam-na com estardalhaço como uma "ex-

travesti", dentre outros termos, que foi recuperada e salva do mundo das drogas. É possível que nesse momento, devido ao alto grau de risco de exposição nas ruas, ela tenha procurado guarita junto pessoas que se sentiam inclinadas a ajudá-la. Uma profusão de notícias começaram a ser veiculadas na imprensa, colocando-a com nítido reforço entre duas divisões temporais: o antes, como o ser abjeto; e o depois, com condições favoráveis de ser "recuperada" e enquadrada pela sociedade heteronormativa. Os amigos tinham se juntado em uma corrente uníssona para tirá-la das ruas, livrá-la da humilhação (e da violência física) e principalmente para a cura da transgeneridade por meio da fé. Essas notícias utilizavam alguns termos doutrinários do tipo redenção, recuperação, renascimento, resgate físico e espiritual. Havia neles um clamor estilizado de persuasão religiosa.

Em 2020, a narrativa da morte de Sarita, às margens do rio Madeira, monopolizou por dois dias os principais canais de informação da cidade. Importante salientar que, apesar dela não ter sido diretamente vítima de um ato de violência, a forma espetacularizada, com que foi veiculada a notícia "devorada por candirus[7]", ganhou contornos dramáticos no imaginário local por estar associada a um tipo de morte terrível e abjeta. Nos últimos anos, diversos vídeos sensacionalistas ganharam espaço no youtube, onde se mostra o resgate dos restos mortais de pessoas devoradas pela espécie. A produção das imagens segue um roteiro valorativo da atividade executada pelo bombeiro mergulhador - profissão nobre, essencial e "aceita" pela sociedade - em contraponto à crueza das carcaças evisceradas das vítimas resgatadas das profundezas do rio, como se ali houvesse a punição por uma vida desregrada. Com a morte de Sarita, a narrativa não foi diferente, espetacularizando-na, justificando a sua condição única de ser vivente à subjetivação imposta pela religião e pelos padrões heteronormativo que ela não quis mais seguir. O que ela fez foi uma ruptura, uma mudança, uma volta ao estágio anterior, pois patologizaram a sua sexualidade como causa única de todos os seus males, o que não era verdade.

Observando-se detidamente a construção de conteúdo desse material noticioso (nos sites DIÁRIO DO AMAZONAS, RONDÔNIA DINÂMICA, EUIDEAL, RONDÔNIA AO VIVO e O OBSERVADOR), é possível agrupar alguns léxicos que se repetem com mais frequência: ex-travesti, travesti, drogada, dentre outros. Para Van Dijk (1990 *apud* Simón, 2011), a escolha terminológica é frequentemente controlada pela opinião, em

7 Candiru é um peixe hematófago que habita os rios da Amazônia, que é temido por todos os banhistas da região e fonte de lendas aterrorizantes, que causam igual medo e espanto. Uma vez que ele entra no canal da uretra ou reto, durante o ato de urinar ou defecar na água, pode causar obstrução, necrose e posterior morte (COSTA, 2021).

consequência, o uso de um léxico ou outro não se trata apenas de uma questão semântica, mas indiretamente uma expressão de valores sociais e culturais implícitos incorporados nos significados das palavras que são incorporados pela imprensa. Os léxicos travesti e "ex-travesti" aparecem com mais frequências nas matérias jornalísticas, o que cria uma ponte simbólica sobre a representação público-midiática sobre a travestilidade e os estigmas que ela carrega: vão associar as travestis às práticas de prostituição coexistentes com a desordem da cidade, brigas, assassinatos, roubos, etc. (VERAS; GUASCH, 2015).

Van Dijk (1990) e Pêcheux (1999), ao mencionarem sobre o uso dos estilos léxicos na moldagem de conteúdos de notícias jornalísticas, argumentam que essas escolhas lexicais se originam no contexto dos espaços sociais de origem da notícia e que elas também se apropriam de estereótipos históricos de valores implícitos que estão incorporados diuturnamente nos significados das palavras. No período de 2019-2020, as narrativas sobre a vida e a morte de "Sarita da Sete" ou Wellison, dependendo do veículo midiático, que incorporava o nome feminino ou o nome masculino, não sabia distinguir se ela era transexual ou travesti. Destarte, isso evidenciava como o jornalismo em Porto Velho se articulava na produção de informação, incorporando estruturas e ideologias heteronormativa hegemônicas na circulação de notícias, que funcionava, por extensão, como um instrumento de reverberação do poder social local ou transregional (VAN DIJK, 1990).

Para Simón (2011), as pessoas transgêneros há anos se articulam no debate sobre quais termos devem ser designado para descrevê-los, contudo impera o senso comum de que transexualidade é igual a travestismo ou *drags*, o que não é verdade. "As travestis mantêm uma identidade subjacente que é consistente com sua anatomia sexual e simplesmente se vestem como o sexo oposto por fantasia, estimulação erótica ou relaxamento" (*Ibid*., p. 189). Stoller (1924-1991) situa o travesti e a *drag* no campo de um sentimento prazeroso (fetichista) enquanto o transexual está necessariamente vinculado a um corpo que precisa ser corrigido, através de tratamento hormonal, cirurgia etc. (COSSI, 2018).

Considerações finais

Quando se fala da imprensa portovelhense não se pode esquecer que ela espelha o aparato da imprensa nacional, um *longa manus* dos preconceitos e dos estereótipos que existem ainda enraizados no jornalismo brasileiro, essa lógica biopolítica ainda não está equilibrada entre a visibilidade que as transexuais almejam com aquilo que se busca noticiar. Há muitos

anos, a transexualidade tinha como espaço o noticiário jornalístico policial, era comum a confusão de terminologias TRAVESTI com TRANSEXUAL, o que causava o conflito discursivo, mas que, no geral, tinham características carregadas de ambiguidades que dificultava e ainda dificulta o entendimento.

Green (2000, p. 404 apud Veras; Guasch, 2015) lembra que até um passado recente no Brasil, as palavras travesti e trans significavam um homem "vestido com roupa de mulher" sem a conotação de ser profissional do sexo. Interessante observar, que, nos meados da década de 80, ocorre uma mudança radical de percepção dos brasileiros a partir da capa de uma tradicional revista masculina. Em 1984, a revista Playboy estampou a foto da trans Roberta Close e a sua repercussão nos meios de comunicação, cheia de ambiguidades e indeterminações, foi pioneira em produzir um discurso que afastava as marcas constitutivas do estigma e da abjeção para o campo do fascínio. Para a aceitação heteronormativa, criou-se uma nova terminologia "o terceiro sexo", que trafegava além do modelo clássico "bicha/bofe" e que extrapolava o binarismo masculino/feminino. A partir desse momento, o entendimento caiu na clandestinidade e passou-se a considerar as travestis "excessivas" até mesmo para os nascentes movimentos homossexuais brasileiros, muito próximos dos modelos norte-americanos e europeus, porém distantes da bicha, da trans, do efeminado, da travesti extravagante brasileira (VERA; GUASCH, 2015).

Rolnik (2018) explica que o sujeito colonial moderno é um zumbi que utiliza a maior parte da energia pulsional para produzir sua identidade normativa, o que gera estresse, angústia, violência, dissociação, opacidade, repetição, dentre outros movimentos cíclicos que não representam ruptura e o desfazimento do vínculo com os modelos de subjetividades impostoras. A imprensa portovelhense importou esses modelos e o usa sem dar muita importância ao mal-estar causado às minorias subrepresentadas, à dinâmica da sociedade e o próprio entendimento dos avanços científicos. Certamente, deve-se considerar que os estigmas estão enraizados e naturalizados na mesma proporção que nos demais estados da nação brasileira, o que significa a impossibilidade de novas abordagens e maior esclarecimento sobre o tema.

Dessa forma, a investigação do fato social deveria fazer parte da produção jornalística e constituir uma vertente com muitas possibilidades no plano discursivo, no entanto existe a necessidade de se aprimorar o diálogo do jornalista com o Outro (ou seja, o mundo e suas diversas facetas). Decerto existe uma deontologia jornalística que busca adequar a multiplicidade de códigos existente no meio social (e se apropriar corretamente desses códigos) com a necessidade de criar um jornalismo

com isenção e racionalidade, que almeja informar e não apenas reproduzir os estereótipos enraizados. Espera-se que um dia isso seja possível para os campos de estudos da sexualidade.

Referências

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. **População em situação de rua no Brasil**: o que os dados revelam? Brasília: Departamento de Monitoramento, 2019. (Coleção Monitoramento SAGI: Série Relatos de Casos). Disponível em: https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirmps/ferramentas/docs/Monitoramento_SAGI_Populacao_situacao_rua.pdf. Acesso em: 15 maio 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

_______. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2020.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R. B. " Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. **Physis**: revista de saúde coletiva, v. 16, n. 2, p. 233-249, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312006000200006&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 22 maio 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COSSI, Rafael Kalaf. Stoller e a psicanálise: da identidade de gênero ao semblante lacaniano. **Estudos de Psicanálise**: Belo Horizonte, n. 49, p. 31-44, jul./2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n49/n49a03.pdf. Acesso em: 22 maio 2021.

COSTA, William. Candiru: conheça as verdades por trás do peixe mais temido da Amazônia. **Portal Amazonia**, Manaus, 12 maio 2021. Disponível em: https://portalamazonia.com/amazonia/candiru-conheca-as-verdades-por-tras-do-peixe-mais-temido-da-amazonia. Acesso em: 20 maio 2021.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

EUIDEAL. **Ex-travesti "Sarita da Sete" surpreende internautas e aparece em foto na igreja com bíblia na mão**. 2019. Disponível em: https://www.euideal.com/noticia/4066/Facebook.com/euideal. Acesso em: 15 maio 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_______. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. p. 33-34. Disponível em: https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf. Acesso em: 24 maio 2021.

GEPP, Luciana. Brasil, o país da diversidade que mais mata LGBTQIA+: mudar a realidade significa reconhecer um país diverso. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 15 jul. 2019. Tendências debates, [*online*]. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/07/brasil-o-pais-da-diversidade-que-mais-mata-lgbtqia.shtml. Acesso em: 10 mar. 2021.

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Ideologia e processo de seleção de notícias. *In*: _______ (Org.). **Imprensa e poder**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 125-150.

OLIVEIRA, Luciana de. Associação aponta que 175 pessoas transexuais foram mortas no Brasil em 2020 e denuncia subnotificação. **G1 Online**, jan., 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/29/associacao-aponta-que-175-pessoas-transexuais-foram-mortas-no-brasil-em-2020-e-denuncia-subnotificacao.ghtml. Acesso em: 27 fev. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio 2. ed. Tradução de Eni P. Orlandi *et al*. Campinas: Unicamp, 1999.

ROCHA, Paula Melani; WOITOWICZ, Karina Janz. Representações de gênero na mídia: um estudo sobre a imagem de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. *In*: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, 2013, Florianópolis - Santa Catarina. Proceedings, Florianópolis: Editora UFSC, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386779939_ARQUIVO_PaulaMelaniRocha.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

ROLNIK, Suely. O inconsciente colonial capitalístico. *In*:_______. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018. 14-27. *E-book*.

RONDÔNIA AO VIVO. **Rio Madeira**: vídeo mostra "Sarita da 7" dentro de embarcação minutos antes de sumir. 2020. Disponível em: https://rondoniaovivo.com/policia/noticia/2020/03/06/rio-madeira-video-mostra-sarita-da-7-dentro-de-embarcacao-minutos-antes-de-sumir.html. Acesso em: 15 jan. 2021.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria *queer***. Tradução de Guacira Lopes Louro. 3. reimp. São Paulo: Autêntica, 2016.

SIMÓN, Adolfo Carratalá. ¿ *Smail o Cristina?: Desigualdad e identidad transexual en el discurso periodístico. 2011*. **Zer** ,16-31 (2011), pp. 183-201, 2011. Disponível em: https://addi.ehu.es/handle/10810/41064. Acesso em: 13 jan. 2021.

VAN DIJK, Teun A. ***La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información*. Tradução de Guillermo Gal. Barcelona: Paidós, 1990.

VERAS, Elias Ferreira; GUASCH, Òscar. A invenção do estigma do travesti no Brasil (1970-1980). **História, histórias**, 2015, vol. 1, num. 5, p. 39-51, 2015. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10829/9509. Acesso em: 22 maio 2021.

Anexo I

Sites consultados

DIÁRIO DO AMAZONAS. **'Sarita da Sete' desaparece após cair no rio Madeira na Capital**. Disponível em: https://www.diariodaamazonia.com.br/sarita-da-sete-desaparece-apos-cair-no-rio-madeira-na-capital/. Acesso em: 25 jan. 2021.

EUIDEAL. **Conhece a história de Welinson Oliveira, ex-travesti "Sarita da Sete"**. 2019. Disponível em: https://www.euideal.com/noticia/4008/conhece-a-historia-de-welinson-oliveira-ex-travesti-ldquo-sarita-da-sete-rdquo.html. Acesso em: 21 jan. 2021.

EUIDEAL. **Wellison Oliveira, ex 'Sarita', se batiza e quer escrever uma nova história para sua vida**. 2019. Disponível em: https://www.euideal.com/noticia/4066/Facebook.com/euideal. Acesso em: 21 jan. 2021.

EUIDEAL. **Ex-travesti "Sarita da Sete" surpreende internautas e aparece em foto na igreja com bíblia na mão**. 2019. Disponível em: https://www.euideal.com/noticia/4066/Facebook.com/euideal. Acesso em: 15 maio 2021.

EUIDEAL. **Morre travesti 'Sarita da 7' após cair no rio Madeira; corpo foi devorado por peixes**. 2020 Disponível em: https://www.euideal.com/noticia/6104/morre-travesti-sarita-da-7-apos-cair-no-rio-madeira-corpo-foi-devorado-por-peixes.html. Acesso em: 13 jan. 2021.

O OBSERVADOR. **Corpo de Bombeiros iniciam buscas no rio Madeira por corpo de Sarita da Sete neste sábado**. 2020. Disponível em: https://www.oobservador.com.br/noticias/corpo-de-bombeiros-iniciam-buscas-no-rio-madeira-por-corpo-de-sarita-da-sete-neste-sabado,41701.shtml. Acesso em: 22 jan. 2021.

O OBSERVADOR. **Sarita da 7 deixa as ruas e as drogas e tenta recomeçar a vida com a ajuda de amigos**. 2019. Disponível em: https://www.oobservador.com.br/noticias/sarita-da-7-deixa-as-ruas-e-as-drogas-e-tenta-recomecar-a-vida-com-a-ajuda-de-amigos,28473.shtml. Acesso em: 11 jan. 2021.

RONDÔNIA AO VIVO. **LUTO:** 'Sarita da 7' buscou recuperação em igreja evangélica. 2020. Disponível em: https://rondoniaovivo.com/policia/noticia/2020/03/07/luto-sarita-da-7-buscou-recuperacao-em-igreja-antes-de-tragica-morte-no-rio-madeira.html. Acesso em: 13 jan. 2021.

RONDÔNIA AO VIVO. **Rio Madeira**: vídeo mostra "Sarita da 7" dentro de embarcação minutos antes de sumir. 2020. Disponível em: https://rondoniaovivo.com/policia/noticia/2020/03/06/rio-madeira-video-mostra-sarita-da-7-dentro-de-embarcacao-minutos-antes-de-sumir.html. Acesso em: 15 jan. 2021.

RONDÔNIA DINÂMICA. **Corpo de 'Sarita da 7' é resgatado do rio Madeira pelo corpo de bombeiros**. 2020. Disponível em: https://www.rondoniadinamica.com/noticias/2020/03/corpo-de-sarita-da-7-e-resgatado-do-rio-madeira-pelo-corpo-de-bombeiros-,69080.shtml. Acesso em: 16 jan. 2021.

RONDÔNIA DINÂMICA. **Morador de rua 'Sarita da 7' desaparece ao cair no rio Madeira.** 2020. Disponível em: https://www.rondoniadinamica.com/noticias/2020/03/-morador-de-rua-sarita-da-7-desaparece-ao-cair-no-rio-madeira,69039.shtml. Acesso em: 22 jan. 2021.